

## A LÍNGUA PORTUGUESA E IDENTIDADE SOCIAL: O CASO DOS AGUDÁS – OS “BRASILEIROS” DO BENIM

Milton Guran\*

Resumo: A antiga Costa dos Escravos, sobretudo o Benim, parece constituir o único exemplo no mundo de implantação de uma cultura de origem realmente luso-brasileira que conseguiu levar uma vida própria e independente. *Agudás* é como são designados os descendentes dos antigos escravos do Brasil que retornaram à esta região da África no século passado e dos comerciantes baianos lá estabelecidos nos séculos XVIII e XIX. A língua portuguesa foi o idioma europeu mais falado nesta região durante o século XIX. Ao adotarem a língua portuguesa, estes escravos retornados se identificavam com os portugueses e brasileiros lá estabelecidos. São as reminiscências deste processo e suas conseqüências nos dias de hoje, que tratamos neste texto.

Palavras-chave: Agudás, Identidade social, Burrinha, Benim.

“Você é brasileiro? Então você não é estrangeiro no Benim, você é como os parentes de Uidá!”

Assim fui recebido por todo lado no Benim, onde o português era a língua franca no momento da implantação da administração colonial francesa, no final do século XIX, ainda hoje há quem se cumprimente com um sonoro “*como passou?*”, e almoce *feijoada* ou *kosidou*, com *concada* de sobremesa. Em janeiro, exatamente como na Bahia, celebra-se o N. S. do Bonfim. Em Porto Novo, uma das cidades do Benim onde é mais forte a presença dos “brasileiros”, a festa começa na véspera da missa, com um verdadeiro desfile de carnaval, com duas grandes bandeiras brasileiras de abre-aias. Canta-se em um português bastante correto, mas também em iorubá, fô ou gum, sempre antigas se reafirmam a origem brasileira da festa. Para completar a celebração do Bonfim, tem apresentação da *bourian*, um espetáculo bastante popular que nada mais é do que uma versão africana da burrinha, folguedo semelhante ao bumba-meu-boi que foi absorvido por este e finalmente desapareceu no Brasil.

A antiga Costa dos Escravos, sobretudo o Benim, parece constituir o único exemplo no mundo de implantação de uma cultura de origem realmente brasileira que conseguiu levar uma vida própria e independente. De fato, a presença brasileira foi tão forte nesta região entre os séculos XVIII e XIX que poderíamos falar de uma colonização informal. Foi principalmente por intermédio dos brasileiros – em conseqüência direta do tráfico de escravos – que esta região teve acesso, de forma sistemática, a bens manufaturados, como as armas de fogo, e a uma língua de expressão universal, para citarmos alguns exemplos.

*Agudás* é como são designados os “brasileiros” do Benim, Togo e Nigéria, nas línguas locais. Estes são descendentes dos antigos escravos do Brasil que retornaram à África no século passado e dos comerciantes baianos lá estabelecidos nos séculos XVIII e XIX. Possuem nomes de família como Souza, Silva, Almeida, entre outros, e guardam costumes levados do Brasil, como os citados acima. Ainda hoje é comum os agudás mais velhos

---

\* Universidade Gama Filho - Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes.

se cumprimentarem com um sonoro “*Bom dia, como passou?*”. “*Bem, 'brigado'*” é a resposta. Foram esses “brasileiros” que implantaram a cultura ocidental na região, fizeram as primeiras construções em alvenaria, incluindo a primeira igreja católica, e impuseram o português como a primeira língua ocidental de uso corrente. A tal ponto foram culturalmente importantes, que as primeiras escolas criadas pela missão católica francesa, em meados do século XIX, ensinavam em português.

A língua portuguesa foi o idioma europeu mais falado nesta região da Costa durante o século XIX. Tendo seu ensino proibido pela administração colonial francesa, a língua portuguesa entrou em declínio. Mas várias palavras portuguesas foram incorporadas às línguas da região. Em fom, por exemplo, garfo é *garfou*, copo é *copo*, cama é *acama*, mesa é *tàvo* (de tábua), a verruma é *barume*, chave é *câví*, bolso é *bosù*, camisa é *camisa*, saia é *saia*, seda é *sedâ*, padre é *padri*, papa é *pâpa*, Páscoa é *Paskòà*, Pentecostes é *Pentekoste*, o vinho de missa é *viù*, missa é *amissà*, Natal é *Natà*, o ato de confissão católica é *konfesáùn*, entre mais de uma centena de outras palavras. Aliás, uma simples análise do sentido destas palavras incorporadas porque designavam objetos e fatos desconhecidos basta para dar uma idéia da dimensão da contribuição cultural dos primeiros portugueses e brasileiros à cultura da região. Nesta lista encontramos a designação de móveis e utensílios domésticos, roupas e expressões ligadas à religião católica, em suma, nomes e expressões chaves da cultura europeia que viria a se impor ao país.

Encontramos ainda em uso corrente entre os agudás palavras e expressões que fazem parte dessas *lembranças que são só deles*, sobre as quais se construiu a identidade social que os permitiu se reinserirem naquela sociedade, e que alimenta até hoje seu processo de construção permanente. Entre elas, podemos citar: papai, mamãe, titio, titia, mano, mana, vovô, vovó, até logo, até depois, até já, bom dia, *bênsa*, entre outras.

Este aspecto é de importância capital, uma vez que a língua de um povo constitui certamente um dos suportes mais completos de seu patrimônio cultural, um sistema simbólico que traduz e ordena a sua percepção do mundo. Ao adotar a língua portuguesa como sua língua de origem, os antigos escravos retornados se colocaram ao lado dos primeiros agudás, comerciantes e traficantes portugueses e brasileiros, o que lhes permitiu explicitar sua diferença face aos outros africanos, procedimento fundamental no processo de construção da nova identidade social, ainda hoje presente pela utilização de algumas palavras em português, muitas vezes já transformadas, mas que servem para exprimir uma espécie de resistência cultural.

Não encontrei pessoa alguma que falasse português além as expressões já citadas, mas verifiquei que nas festas do Bonfim e nos folguedos da Burrinha, cantam-se marchas e “sambas” em português, com o mesmo entusiasmo com que se canta em iorubá ou fom nas cerimônias de candomblé no Brasil, ou seja, sem compreender o que se está cantando.

A *bourian* – o antigo folguedo da burrinha, com sotaque local – é a festa popular mais tradicional entre os “brasileiros” do Benim. Ela representa um importante fator de identificação e de afirmação cultural, o que fica evidente a partir mesmo dos nomes dos vários grupos, tais como a *Association de Ressortissants Brésiliens – Bourian*, de Porto Novo, já citada, e a sua co-irmã, a *Association Brésillienne de Cotonou*.

O espetáculo é uma adaptação da festa folclórica brasileira da burrinha, similar ao bumba-meu-boi. Canta-se em fom, gum e nagô, mas também em português, já um pouco adulterado.

Pierre Verger (1953:25-27) recolheu e publicou as letras de 17 canções, como eram cantadas há 50 anos. Muitas delas ou desapareceram ou sofreram tantas modificações que ficaram irreconhecíveis. Cabe ainda ressaltar que pelo menos em Porto Novo foram adotadas algumas canções contemporâneas brasileiras, ouvidas no rádio. É o caso da onomatopéia “*esquindô lê lê / esquindô lá lá*”, referindo-se ao samba, e de um trecho de uma marcha de carnaval dos anos oitenta, “*Ô lê lê / Ô lá lá / pega no ganzê / pega no ganzá*”.

A burrinha encerra a celebração do Bonfim e é apresentada também por ocasião de festas e cerimônias em famílias “brasileiras”, como casamentos, batismos, aniversários, funerais, “liberações”, etc. Transmítida de geração em geração até os nossos dias, a *bourian* – na sua versão africana – talvez tenha perdido um pouco da sua força como polo de atração dos “brasileiros”, mas ela continua sempre a se constituir em uma referência maior de identidade social para os agudás.

O espetáculo da *bourian*, no contexto das cerimônias do Bonfim em 1995 e 1996, se deu no terreno da Escola Pública Central, no bairro "brasileiro" de Oganlá. A apresentação começou por volta das 18 horas, depois de um piquenique. O grupo de músicos, cerca de vinte homens e mulheres, tocavam pandeiros – designados assim mesmo, em português correto – tabuinhas que se batem uma na outra, chamadas "atewo' em nagô, ou simplesmente marcavam o ritmo com palmas. Cada verso era repetido por todos os músicos, em português perfeitamente inteligível:

*A Bourian está na rua  
Venha ver, venha gostar (bis)  
É de saia  
Saia brasileira  
Vem à rua  
Pra dançar  
Até você, Yaya  
Até você Yaya, Yoyo (bis)*

Os diversos personagens são chamados à cena por canções específicas. Por exemplo, para Ioiô, o grande boneco, conta-se:

*Papai, papai  
Venha ver, papai  
Papai, papai  
Do brachial  
Venha ver cantadore  
Papai do brasila  
Papai, papai  
Me deixa ver  
Saia do brasila  
Viva, viva  
O papai do brasila (sic)*

Depois da sua apresentação, há um momento de suspense porque a "burrinha" vai finalmente aparecer, chamada pela sua canção específica:

*Cavalaria  
Bravo cavalaria  
Bravo cavalaria  
Cavalaria pernambucana  
Republicana  
Viva crioula  
Cavalaria pernambucana  
Republicana  
Dona Tereza  
É da baiana (sic)*

Ela cumprimenta aos músicos e o público e dança acompanhada de um "leão" e de um "sapo". Para marcar o final da sua apresentação os músicos cantam assim:

*Papa Giganta  
Vai corado  
Na roupa de você (bis)  
Iaiá Giganta  
/até você Iaiá*

*Até você Iaiá Ioiô (bis) (sic)*

E a bourian deixa a cena para Iaiá e Ioiô que chegam juntos e são muito aplaudidos, e saudados pela sua canção:

*Ê! Ioiô bonito  
Saia fora  
Venha ver  
Eu cantar  
A noite toda  
Até o dia  
Amanhecer  
Até você Iaiá  
Até você Iaiá Ioiô (bis)*

Os participantes "brasileiros" da festa do Bonfim e o público em geral invadem o terreno e dançam como num verdadeiro baile popular bastante próximo ao carnaval brasileiro. Os músicos insistem na canção principal do repertório: "Nós já saímos / faz muito tempo / a sociedade brasileira está na rua / o brinquedo é delicado / para quem, para quem gosta de ver." Mas o público, que em geral não conhece o "brasileiro", só canta mesmo o trecho mais fácil, "até você, Iaiá / até você Iaiá, Ioiô!".